



0211

*Câmara Municipal de São Caetano do Sul*

Senhor Presidente

A(S) COMISSÃO(ÕES) DE:
Justiça e Educação e de
Finanças e Orçamento
01 / 02 / 20 22
PRESIDENTE

PROJETO DE LEI**"INSTITUI O 'PROGRAMA MALA DE RECURSOS LÚDICOS – PCD" E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS."**

Art. 1º. Fica instituído o "Programa Mala de Recursos Lúdicos – PCD".

Parágrafo Único - O programa de que trata o "caput" consiste na atenção social às crianças com deficiência, balizada na linguagem lúdica, para o fortalecimento de vínculos familiares e sociais.

Art. 2º. O "Programa Mala de Recursos Lúdicos – PCD" será realizado por meio de atendimento domiciliar promovido por profissionais capacitados com relação a temática, denominados educadores sociais brincantes.

Art. 3º. Os educadores sociais brincantes atenderão às crianças com deficiência, juntamente com suas famílias ou responsáveis e utilizarão a mala de recursos lúdicos para inserir ou qualificar o ato de brincar no cotidiano dos assistidos, a fim de demonstrar sua importância como



Câmara Municipal de São Caetano do Sul

linguagem natural e espontânea da criança, de seu papel na aproximação de pais e filhos e para o convívio social.

Art. 4º. As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta de dotações orçamentárias próprias.

Art. 5º. As despesas decorrentes da execução da presente Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 6º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

De acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro, em matéria publicada em 15 de dezembro de 2020: “A alegria proporcionada pelo ato de brincar é um dos benefícios que associamos ao momento de diversão das crianças. Mas as vantagens da brincadeira vão muito além do que costumamos perceber em um primeiro momento. O desenvolvimento proporcionado pelo ato de brincar pode ser físico, social e intelectual.”

“(…) Assegurar o direito de brincar das crianças é dever de todos, em especial dos pais e responsáveis. Os pais e responsáveis, inclusive, devem ser os primeiros a oportunizar a brincadeira no cotidiano das crianças com deficiência, desempenhando o papel de instrutores e incentivadores das atividades. Adaptar as brincadeiras à realidade da criança com deficiência é promover acessibilidade e assegurar que a criança com deficiência se sinta incluída e apta a participar das atividades com outras crianças. Muitas vezes, os pais e responsáveis têm uma interpretação distorcida sobre o prazer de uma criança com deficiência no ato de brincar, pensando que sua limitação irá deixá-la em uma situação difícil, ou não conseguir integrar-se. No entanto, talvez seja o momento mais oportuno de inserirmos a criança com deficiência em uma atividade social,



Câmara Municipal de São Caetano do Sul

aproveitando toda a inocência infantil para criar melhores possibilidades futuras, o que chamamos de inclusão.”

Um dos objetivos principais do ‘Programa Mala de Recursos Lúdicos – PCD’ é construir uma metodologia capaz de empoderar as famílias, tendo como ponto de partida, o ato de brincar e permitir o convívio em sociedade sem qualquer tipo de exclusão.

Desse modo, o Programa consiste na atenção social às crianças com deficiência, balizada na linguagem lúdica, para o fortalecimento de vínculos familiares e sociais.

Será realizado por meio de atendimento domiciliar promovido por profissionais capacitados com relação a temática, denominados educadores sociais brincantes.

Esses educadores iniciarão o atendimento mediante a adesão dos responsáveis e as visitas serão programadas e agendadas, considerando os dias mais oportunos para as famílias.

Os profissionais utilizarão a mala de recursos lúdicos, que consiste em uma mala antiga repleta de utensílios como jogos, brinquedos, materiais artísticos e pedagógicos, matérias recicláveis, livros, instrumentos musicais de pequeno porte, papéis, tecidos, flores, sementes, objetos coloridos, potes com itens que produzam odores agradáveis e tantos outros itens, para aliar elementos lúdicos ao trabalho com as famílias, estabelecendo um novo olhar sob a criança com deficiência e incorporando o brincar na rotina de cuidados dessas crianças, favorecendo novos estímulos, construção de novas histórias e interação com a família e a comunidade.

Ademais, o trabalho realizado pelos educadores vai além de uma simples brincadeira, pois considera as necessidades de cada usuário e o seu contexto familiar, bem como toda ação é planejada e almeja a autonomia da família para que esta continue a brincar, independentemente do profissional.

O Programa é dividido em etapas, sendo a primeira a dos profissionais planejarem a atividade lúdica para o grupo familiar por meio de algum recurso, criando um suspense, um momento mágico, definindo a periodicidade das visitas e o interesse do grupo



Câmara Municipal de São Caetano do Sul

familiar; na sequência será definido o espaço físico, levando em consideração a condição da criança, da residência, a atividade a ser desenvolvida e o número de participantes; logo, é realizada a atividade lúdica por meio da mala e outros recursos que estimulem as potencialidades de todos os envolvidos; segue-se para o diálogo com os participantes a respeito do que foi vivenciado e as expectativas, e, por último, o encerramento da atividade, onde o educador sugerirá as atividades para que a família possa, além de vivenciar uma experiência lúdica, assumir seu papel de brincante.

Toda ação é registrada e relatórios são criados, a fim da verificação de evolução do assistido.

Cabe mencionar, que o Programa é desenvolvido na cidade de Belo Horizonte – MG e muitos benefícios tem ofertado aos participantes, que podem ser constatados através de relatos de famílias participantes, anexos a este projeto de lei.

Sendo assim, diante de todo exposto e da relevância da matéria, solicitamos aos nobres pares a aprovação desta propositura.

Fontes:

<https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/3141/como-o-ato-de-brincar-contribui-no-desenvolvimento-de-criancas-com-deficiencia>

<https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/mala-de-recursos-ludicos>

<https://issuu.com/smaasbh/docs/viageminclusiva>

Plenário dos Autonomistas, 20 de janeiro de 2022.

CAIO MARTINS SALGADO
(CAIO SALGADO)
VEREADOR

Aconteceu na viagem: algumas experiências envolvendo a Mala de Recursos

*"A menina vê a esperança
na presença de sua mãe
... que brincava."*

Deyse Araújo

Durante as muitas jornadas de trabalho, podemos constatar o avanço das famílias a partir da utilização da Mala de Recursos.

Muitas tentativas são feitas para encontrar a via de acesso que permitirá trazer a pessoa com deficiência para um espaço de ludicidade.

Embora, às vezes, seja difícil penetrar no mundo isolado no qual a pessoa se encontra, as chaves existem. Essas chaves, na verdade, representam uma metodologia apropriada, o afeto e envolvimento das famílias com a atividade proposta.

Apresentamos nos relatos a seguir algumas experiências realizadas pelos educadores sociais/brincantes, ao longo do percurso de trabalho*.

* Os nomes mencionados nas experiências são fictícios e as imagens utilizadas foram autorizadas pelas famílias



04

1ª Experiência: brincar para sempre

*"Estrada imprecisa
Longa caminhada
Morte iminente"*

Cléa Regina

A criança atendida apresentava um quadro de deficiência múltipla devido a síndrome de hipóxia-hisquêmica grave. Estava traqueostomizada e fazia uso de oxigenoterapia. O trabalho era um grande desafio. No primeiro momento, a família se mostrou muito resistente ao trabalho com a Mala de Recursos, pois não acreditava que a criança pudesse brincar. Bruno, na época com cinco anos de idade, ficava em estado de interração domiciliar, sempre conectado em aparelhos e demandava muitas articulações com a rede de serviços.

Durante o acompanhamento, foram realizadas várias estratégias pela equipe técnica, com o intuito de promover a sensibilização da família acerca da execução da Mala de Recursos, garantindo o direito de brincar.

Na primeira visita, a família demonstrou bastante resistência, dizendo que Bruno já tinha muitos profissionais trabalhando com ele, por vezes estressando-o. A mãe disse que conversaria com a junta médica para verificar a possibilidade de realização do trabalho. Depois de vinte dias, recebemos um comunicado da família autorizando a utilização da Mala de Recursos. De início, a fim de que entendessem melhor o trabalho, foram planejadas Malas semanais, com duração de quinze minutos, segundo orientação da família quanto ao tempo.

Neste relato, apresentamos uma série de Malas que representam cada encontro. As atividades com a Mala de Recursos, de forma sequencial e intencional, promoveram uma aproximação mais eficaz entre criança, os familiares e a brincante.

1ª Mala: Brinquedos sonoros



A Mala foi organizada com materiais sonoros, como livro musical e choçalhos com sons e cores diferentes. À beira da cama, a história foi contada e a música contida no livro acionada. Bruno interagiu movimentando a língua, a perna e os olhos. Segundo a mãe, ele utilizou este código para se comunicar com a educadora social/brincante. Relatou, ainda, que a resposta da criança era positiva e que estava surpresa de ver o quanto ele gostou daquele momento. No final da atividade, a mãe se manifestou dizendo: "As vezes tenho vontade de brincar com ele, mas não sei o que fazer nem como brincar. Você vem semana que vem?".

As outras Malas foram planejadas com materiais propícios para explorar os sentidos que Bruno ainda preservava, como a audição, a visão e o tato. O horário de atendimento foi aumentado para trinta minutos, a pedido da família. Nas atividades, participavam o pai, a mãe, a enfermeira e a criança.

2ª Mala: bichinhos voladores



A atividade desenvolvida foi a construção de um móvel de bichinhos de emborrachado colorido. Posteriormente, a história de cada bichinho foi contada e os integrantes do grupo imitaram seus sons: pio de passarinho, latido de cão, miado de gato. Bruno acompanhava os movimentos do móvel com os olhos, respirava fundo, mexia a cabeça e os ombros. A mãe estava bem empolgada com os resultados obtidos, dizendo que os movimentos significavam que seu filho estava se divertindo.

Ao final do encontro, a mãe perguntou a data da próxima visita. Em resposta, a educadora social/brincante orientou a família a dedicar um tempo para brincar com Bruno durante a semana, sugerindo alguma atividade que a própria mãe pudesse fazer. Bruno adorava animais, por isso as brincadeiras com esse tema foram enfatizadas.

3ª Mala: a massagem dos bichos



Nesse dia, Bruno estava bastante indisposto, não quis saber de fisioterapia e terapia ocupacional. A mãe disse que não desmarcaria a atividade, pois tinha certeza de que era a única coisa que ele não rejeitaria. Quando todos se dirigiram para o quarto brincar, ele reagiu abrindo os olhos e sua perna parou de tremer. Cantou-se músicas suaves sobre animais e foram contadas histórias de bichos com o livro "O que está incomodando você?". Em seguida, foi realizada massagem com bolinhas imitando a textura da pele de bichos, ásperas, lisas, enrugadas, macias, duras, com cerdas de pincéis. A Mãe durou uma hora e, quando paramos, Bruno franziu a testa sinalizando que não queria parar. Todos riram. A atividade foi encerrada para não forçar a resistência do menino.

4ª Mala: contando histórias



A mãe havia informado que tinha dentro de um maleiro uma caixa de livros de histórias infantis. Nesse dia, a Mala foi organizada por ela, pelo pai e pela enfermeira. Eles escolheram os livros de que Bruno mais gostaria. Contaram as histórias, ora um, ora outro. Depois, a mãe passou a criar, por conta própria, outras histórias. No final, contou que a caixa de livros foi comprada bem antes de Bruno nascer. Nessa época, a mãe já lhe contava histórias, acariciando o menino dentro de sua barriga.

Depois da sessão de histórias, o menino demonstrava estar feliz, seu semblante estava tranquilo e os olhos brilhavam olhando para a mãe. Ela prometeu que, daquele dia em diante, sempre contaria histórias para o filho.

5ª Mala: brincando com fantoches



Nesse dia, os membros da família, a enfermeira e a educadora social/brincante construíram fantoches com calças de leite. Durante a construção, ora cantavam, ora conversavam com Bruno. Em resposta, ele movimentava a língua e o ombro. A mãe comentou: "Meu filho está bem mais relaxado e tranquilo depois que iniciamos esse trabalho". Depois de prontos, uma pequena encenação foi realizada por meio da criação de uma história, na qual cada personagem recebeu um nome. A criança acompanhava os movimentos dos personagens com os olhos e fazia gestos com a língua. Parecia querer falar ou cantar.

6ª Mala: brincando com os nomes



Bruno havia acabado de sair do sono e estava muito indisposto e sonolento. A mãe disse: "Preferi não desmarcar a Mala, pois faz muito bem a ele." A proposta do encontro era que cada um contasse a história do seu nome. Posteriormente, cada um iria transformar seu nome em um animal. A mãe fez uma centopeia, simbolizando o nome de Bruno. Depois, chegou bem perto do ouvido do menino e contou a história do seu nome mostrando a centopeia. Bruno virou a cabeça com dificuldade e olhou para a mãe sorrindo.



99

7ª Malas e sorriso do coração

A família estava bastante envolvida em criar propostas diferentes para brincar com a criança. A mãe foi à feira e comprou fantoches, e a avó comprou um livro de histórias. Bruno já estava com um problema sério na visão, quase não enxergava mais.

Numa tarde chuvosa, a educadora social/brincante chegou no quarto de Bruno para fazer seu trabalho e o encontrou chorando (não emitia som, somente corria as lágrimas em seu rosto). A mãe disse que ele estava desse jeito desde cedo, mas não quis desmarcar a Mala, pois tinha certeza de que faria muito bem a ele, já que todos estavam tensos por causa da situação. Quando a criança viu os fantoches, sorriu e as lágrimas pararam de cair.

Todos brincaram com os fantoches e depois fizeram desenhos dos brinquedos contidos no quarto, que foram guardados sob o olhar vigilante do menino num pequeno baú, construído anteriormente por meio de atividades da Mala de Recursos. Tal olhar esboçava, ainda, um sorriso de contentamento.



Considerações finais

Em supervisão, verificamos que o objetivo de sensibilizar e estimular a família para o ato de brincar foi atingido. Partindo desse princípio, foi discutida em equipe a possibilidade de desligamento da família. Começamos a prepará-la para o desligamento, pois eles já conseguiram realizar de forma autônoma as brincadeiras. Porém, um dia após a última Mala, a criança foi hospitalizada e quinze dias depois veio a óbito.

Após o falecimento, os pais do menino procuraram o SPSPD perguntando se haveria possibilidade de desenvolvimento da Mala no período pós-morte. Infelizmente, o órgão não estava preparado para atender a solicitação. Um tempo depois, a mãe da criança, já em estágio de aceitação da perda, fez um belo depoimento sobre a experiência com a Mala de Recursos.

Dalva Sales de Souza
Regional Centro Sul



Educadora Social Dalva Sales em atividade com a Mala de Recursos

Carta para Bruno

Bruninho, nesse fim de semana arradei meu sacozão e mandado de prisão de 15 dias. Não sei se você já viu, mas é muito ruim. Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã. Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã. Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã.

Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã. Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã. Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã.

Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã. Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã. Eu vou ficar aqui até o fim de semana, mas vou voltar para casa amanhã.



10

12

2ª Experiência: Tempo e espaço para brincar

"O som da campainha

A porta se abre

"Vamos entrar!"

Uma nova história vai começar!"

Glacinda Zago

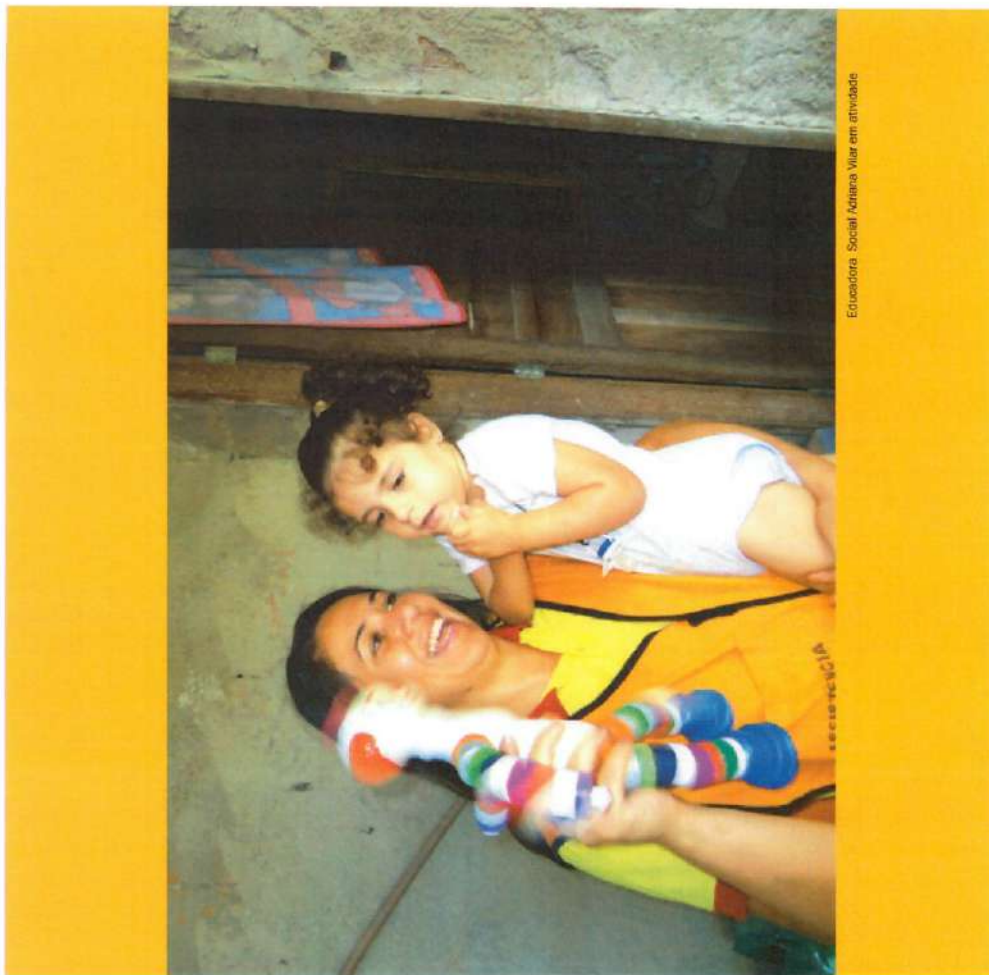
Este caso foi encaminhado pela Clínica APPI (Assistência Pedagógica e Psicológica Integrada). A criança nasceu prematura, permanecendo no CTI por 4 meses usando ventilação mecânica. Apresentava um atraso no desenvolvimento neuropsicomotor devido à síndrome mista de paralisia cerebral; sofria de desnutrição proteica calórica, consumia somente leite de soja e alimentos pastosos.

A partir do Estudo Social realizado pelo técnico do SPSPD, a família foi inserida em acompanhamento, tendo em vista a situação de extrema vulnerabilidade.

A primeira abordagem com a Mãe objetivou uma aproximação entre mãe e filha. Massagens e toques foram propostos para que elas sentissem mutuamente o contato.

Durante as primeiras visitas do educador social/brincante, percebeu-se que a mãe demonstrava insegurança e ansiedade quanto ao futuro de sua relação com a filha.

A família começou a ser acompanhada, semanalmente, pelo técnico de Serviço Social e Educador Social. Como havia dificuldades de acesso da equipe ao local onde elas moravam, devido ao risco geológico, alguns brinquedos permaneceram no domicílio para que a mãe interagisse com a filha, mesmo na ausência do educador social/brincante.



Educadora Social Adriana Vilar em atividade



Handwritten signature in blue ink.

Nesse sentido, foram produzidos brinquedos, como bonecas e pelhachinhos de sucatas e outros materiais recicláveis. A mãe participava da atividade se emocionando com a alegria da criança ao receber o presente que havia confeccionado.

Nas visitas posteriores do educador social/brincante, a mãe estava mais tranquila, sentava para brincar, interagía e participava das atividades propostas com alegria. A criança passou a fazer as reabilitações necessárias e frequentar, em horário integral, a Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI. Foi medida facilitou para que a mãe voltasse a trabalhar, estudar e fazer cursos de qualificação profissional.

Após várias intervenções, a equipe avaliou que a atividade da Malá de Recursos não seria mais necessária, pois mãe e filha estavam mais próximas e unidas. Estas também já estavam incluídas na rede de serviços, feito que traria mais qualidade de vida e perspectivas para um futuro melhor. Dessa forma, estabeleceu-se um processo de transição para o desligamento da situação do brincante à referida família.

Adriana Vitar Pereira
Regional Nordeste



Small blue handwritten mark.

13

3ª Experiência: brincando no Zoológico

*"E quando mais nada é possível...
Acontece."*

Flávia Alves

O caso foi encaminhado ao Serviço de Proteção Social à Pessoa com Deficiência pelo Centro de Saúde. Os técnicos da saúde haviam observado que a mãe tinha resistência em aceitar a deficiência da filha. A criança teve um bom desenvolvimento até os quatro anos de idade, entretanto, aos nove anos, apresentou um quadro de deficiência intelectual.

Por meio de visita domiciliar, o técnico do Serviço percebeu que a mãe demonstrava sofrimento ao falar da deficiência da filha. Relatou sentir vergonha em sair com ela na rua. Disse ainda: "Depois do ocorrido com minha filha, me fechei bastante, só saio de casa para trabalhar e levá-la ao médico".

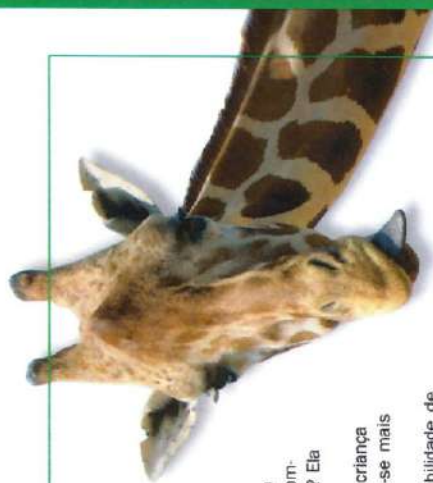
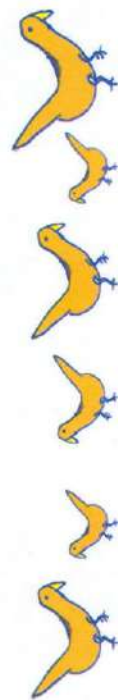
Diante do caso, levantou-se a possibilidade de inserção da Mala de Recursos como estratégia para contribuir no processo de fortalecimento dos vínculos entre mãe e filha. A Mala de Recursos foi recebida positivamente pela mãe, pois contribuiu para o melhor conhecimento acerca das potencialidades da filha. Assim, foi marcada uma visita domiciliar para apresentar a educadora social/brincante.

Na primeira visita, foi apresentada a metodologia da Mala de Recursos e realizados acordos com a família quanto ao horário e melhor dia para a atividade acontecer. Foi combinada também a importância da participação de todos os membros na atividade.



A partir de relatos da mãe sobre as condições físicas e intelectuais da criança, planejou-se a primeira Mala. A criança sempre se apresentava agitada e com dificuldades de concentração. Dispersava-se com o esmalte usado nas unhas da educadora social/brincante, que aproveitou o interesse da criança e propôs para a mãe a possibilidade de fazer uma atividade de pintura nas unhas da menina. A mãe achou interessante e conseguiu os materiais necessários. Observou-se que ambas demonstraram interesse e contentamento pela atividade.





A partir dessa primeira experiência, a criança já estava disposta a participar das próximas atividades. No decorrer do trabalho, foram observadas algumas falas da mãe em relação ao desenvolvimento da filha como: "Eu nunca imaginei que ela fosse capaz de pintar, eu mesmo vou comprar tinta para ela"; "Olha, está vendo? Ela entende".

Foi possível perceber que a criança mudou seu comportamento, tornando-se mais tranquila.

A educadora percebeu a possibilidade de uma troca de experiências entre a menina e outra criança, também de nove anos e com deficiência auditiva. Esta segunda criança já possuía uma boa relação familiar, porém os vínculos comunitários estavam fragilizados, pois sua mãe não permitia que brincasse com outras da comunidade. A intenção era juntar as duas famílias.

Após estas observações, foi planejada uma atividade envolvendo as duas famílias e que aconteceria em um local fora das residências de ambas. Pretendia-se que as famílias se apropriassem de espaços ainda não conhecidos, na tentativa de superar resistências geradas em torno das deficiências.

Nessa atividade, foi utilizada uma mala toda decorada com bichos, organizando, assim, uma sequência de atividades envolvendo a temática de animais. Isso resultaria mais tarde em um passeio ao Zoológico da cidade. Essa proposta foi aceita pelas duas famílias. A partir desse momento, a equipe organizou-se para que o passeio pudesse acontecer com êxito.

15



No dia do passeio, foi marcado com as famílias um ponto de encontro. Pensou-se no transporte coletivo, meio utilizado pelas famílias em seu cotidiano, para estimular outros passeios.

Ao chegar ao Zoológico, percebeu-se o entusiasmo e a euforia de todos: "Que lindo este lugar, dá pra fazer piquenique" ou "Como faz bem este lugar com tanto passarinho cantando". No decorrer do passeio, observamos que houve uma rápida interação entre as duas crianças assistidas. Percebemos que a mãe agiu de forma natural, não se intimidando com o comportamento impulsivo da filha, questão que preocupava a equipe.

A mãe da criança com deficiência intelectual participou com entusiasmo de todas as atividades propostas, mudando seu comportamento em relação à filha, uma vez que passou a reconhecer a potencialidade da menina e tem se apropriado de outros espaços da comunidade e da cidade. Por sua vez, a criança desenvolveu habilidades sociais e interação de forma tranquila e segura com todos os membros da família e da comunidade.

Já a criança com deficiência auditiva, começou a brincar com outras. A mãe entendeu a necessidade desta se relacionar socialmente fora do seu ambiente doméstico.

Após um período de atendimento de ambas as famílias, foi constatado que os objetivos propostos progrediram de maneira satisfatória e ambos os casos foram desligados da Malha de Recursos.

Patrícia Santos
Regional Barreiro



4ª Experiência: jardim das brincadeiras

"Casa
Limite e possibilidade.
Jardim?
Amor e dor em mim e na flor."
Carolina Pexoto

Dois casos são apresentados nesse relato. Estes referem-se à família de uma jovem chamada Jasmim e de um menino chamado Lírio. Utilizaremos nomes de flores como analogia para identificar nossos usuários. O educador social/brincante usou o texto do escritor mineiro Rubem Alves: "A menina e o pássaro encantado" para desenvolver as atividades.

O texto original do escritor foi adaptado de forma lúdica, de acordo com a proposta metodológica. Na narrativa, o educador social/brincante transformou-se na menina da história.

O pássaro surgiu em seguida, na verdade, esta imagem já se fazia presente no desenho do menino estampado na primeira mala utilizada pelo educador social/brincante. Essa mala trazia o desenho de um pequeno pássaro com um guarda sol colorido e várias poesias, uma das quais falava sobre as flores: "Eu conheço cada pedra do chão, cada flor do meu jardim... eu leio as cores das flores e o cheiro do vento".

Assim, nossos usuários tornaram-se flores em seus jardins/casas e a cada visita uma atividade nova era desenvolvida com esses personagens.

As crianças e a maior parte das famílias aguardavam a abertura da mala com ansiedade e expectativa. A mala com objetos trazia várias recordações. Ela trouxe à tona muitas memórias, lembranças de infância e casos de família: "Eu me lembro de quando nós viamos

para Belo Horizonte! A gente tinha pouca coisa pra colocar nas três malas grandes", relatou uma mãe. Além disso, algumas famílias recordaram-se das malas existentes nas suas casas: "Meu pai tinha uma mala assim, em cima do guarda-roupa", relatou uma tia.

E foi assim, em meio a malas, flores e histórias, que o trabalho foi acontecendo e as vidas foram sendo tocadas por brincadeiras.

A história de Jasmim

No início, a jovem Jasmim, de 19 anos, ficava sozinha e completamente isolada, sem se relacionar com ninguém. Ela possuía deficiência múltipla. Após o acompanhamento sociofamiliar foram relatados avanços na família, que se concretizaram por uma maior interação entre mãe e filha, ampliação dos vínculos comunitários e o aumento da frequência da jovem na escola.

Mãe e filha passaram a ser acompanhadas pela Psicóloga do NASF. No ano seguinte, houve um retrocesso, na medida em que a jovem parou de frequentar a escola. Segundo a mãe, a filha não queria mais estudar, preferindo ficar novamente isolada em casa.

A partir das reuniões de equipe, foi definido que as atividades com a Mala de Recursos iriam ser realizadas. Nesse período, Jasmim voltou a frequentar a escola, contudo, não ia a outros espaços de convivência. Além disso, em reuniões com a Equipe Regional de Apoio à Inclusão, foram apontados aspectos conflituosos da relação entre mãe e filha.

Desse modo, a Mala de Recursos continuou a ser realizada com esta família. O educador social/brin-



16
R

Handwritten signature or initials in blue ink.

cante utilizou atividades que desenvolviam a socialização, o fortalecimento dos laços afetivos, o envolvimento e participação de vários membros da família e a percepção, destacando a importância de cada participante.

Os aspectos observados durante as brincadeiras demonstravam a participação da jovem, do responsável e dos irmãos e como todos se empenhavam para vencer os limites referentes às dificuldades físicas, motoras e sociais. Dentre as atividades desenvolvidas, um passeio ao Jardim Zoológico teve destaque. A família inteira participou da visita. Jasmim adorou animais. Observou as diferenças entre eles, uns grandes, outros pequenos, uns peludos, outros com penas...

Após esse passeio, a jovem se empenhou em desenhar aquilo que viu: elefantes, cobras, pássaros, girafas, árvores e flores grandes, pequenas, de várias cores e formatos. Estes desenhos inspiraram as Malas posteriores ao passeio.

As atividades envolvendo a Mala de Recursos continuaram e a jovem está cada vez mais interessada e ansiosa por novas descobertas.

A História de Lirio

Lirio é um menino de onze anos que possui deficiência física. A Mala de Recursos foi iniciada com o objetivo de aproximar mãe e filho, além de auxiliá-lo a perceber a importância do menino brincar com outras crianças e sua família. As visitas foram realizadas quinzenalmente.

Após um ano de trabalho, a família foi designada do acompanhamento do educador social/brincante, pois a cultura do brincar havia sido instaurada na família e os vínculos foram fortalecidos. A mãe relatou que ao levar o filho para suas atividades rotineiras, incluiu cantigas e contação de história em todo o percurso. Porém, no ano de 2011, a família apresentou uma nova demanda. A mãe de Lirio relatou que ele não estava conseguindo dormir em seu quarto sozinho, apesar de já ter onze anos.



A partir do acompanhamento, constatou-se que a dificuldade do filho estava diretamente ligada à relação de dependência entre ele e a mãe. No decorrer das visitas familiares, ela percebeu que dificultava a autonomia de Lirio. Outro aspecto relacionado a esta questão é o fato da criança não ser incentivada pela família a andar, mas engatinhar pela casa. Os médicos já haviam orientado sobre a importância do menino tentar caminhar para fortalecer seus membros.

O educador social/brincante realizou todas as atividades da Mala no quarto de Lirio, para que o mesmo se apropriasse desse espaço e "guardasse suas coisas mais preciosas ali". A atividade de contação de histórias, muito apreciada por Lirio, foi desenvolvida a partir do tema "Jardim de Brincadeiras".

Após três meses de acompanhamento, a mãe relatou que o filho já conseguia dormir sozinho em seu quarto. Além disso, constatou-se que mãe e filho passaram a interagir mais durante as brincadeiras, o que antes não acontecia.

A família passou a participar das atividades coletivas propostas pelo SPSPD. Em todo o processo de acompanhamento, o educador social/brincante relatava a alegria de Lirio e a abertura da família para a Mala de Recursos. Esta terá sua continuidade por mais um período a fim de fortalecer mais os vínculos entre a família.

Gleice Santos Silva e Pedro Betto
Regional Pampulha





18



8

19

5ª Experiência: brincando o mês inteiro

*"Uma manhã coberta de neblina
Uma esperança desperta:
Vou mudar o dia de alguém!"
Adenize Madureira*

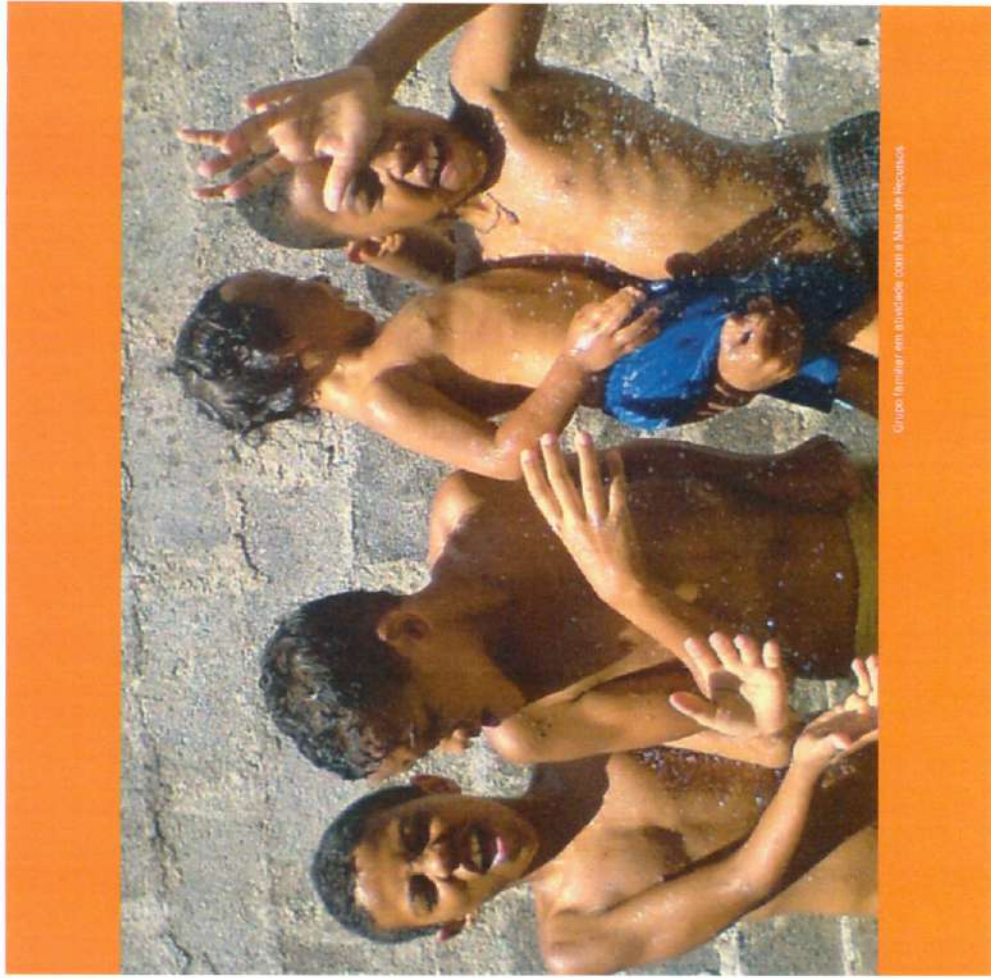
Família monoparental feminina simples composta por 10 pessoas dentre elas: 3 adolescentes e 6 crianças, dessas uma de 8 anos com deficiência, e 1 adulto responsável pela família. Habitavam em área de vulnerabilidade social; a residência não apresentava condições de acessibilidade, haja vista que a criança com deficiência utilizava cadeira de rodas. Todos os 10 moradores viviam em um único cômodo. A renda mensal era exclusivamente a do Benefício de Prestação Continuada – BPC e do Bolsa Família.

O caso desta família chegou ao conhecimento do Serviço de Proteção Social à Pessoa com Deficiência da Regional Oeste por meio de encaminhamento do Centro de Saúde Cabana.

O Serviço compareceu à residência para iniciar o acompanhamento (antes realizou-se triagem e estudo social) já que a família apresentava as condições necessárias para esse fim. Em várias visitas realizadas, a responsável não se encontrava, pois além dos cuidados com os filhos, ela também tomava como sua responsabilidade os cuidados com os seus pais idosos e doentes.

Durante o processo de acompanhamento, foi sugerido à família a inclusão da criança com deficiência na Mala de Recursos. Atendida a sugestão, iniciamos a metodologia de aplicação por meio do educador social/brincante.

O trabalho iniciou-se tímido, mas persistente. Era necessário insistir, uma vez que deparamos com uma família que não tinha o hábito de brincar. Eles não se olhavam afe-



Grupo familiar em atividade com a Mala de Recursos

20

tuosamente, não se tocavam. Apesar dos laços de afetividade existirem, eles careciam de estímulos.

Com orientação metodológica apropriada, foi traçado primeiramente um plano de ação junto à família. Visitas quinzenais foram programadas para que pudéssemos estreitar os laços da família com o SPSPD e, dessa forma, despertar confiança nos membros. Essas visitas domiciliares eram feitas, ora na presença do técnico responsável ora apenas com o educador social/brincante.

As atividades do educador social/brincante para essa família foram planejadas tendo em vista o tipo de deficiência da criança. Seguindo os laudos médicos e as normativas seguidas pelo SPSPD, tratava-se de um caso de deficiência múltipla, ela não andava, enxergava pouco, não falava e escutava apenas 5% com o ouvido esquerdo e 4% com o direito. Outro fator relevante no acompanhamento era o número de integrantes dessa família (dez), o espaço físico da moradia e a relação afetiva com a criança. Assim, todas as intervenções lúdicas foram pautadas para um bem-estar familiar, para a capacidade de utilizar de várias interações para conseguir atingir os objetivos. Algumas foram desenvolvidas com o intuito de proporcionar um espaço de interação com mais ludicidade. A brincadeira de jogar balões cheios de água foi muito apreciada.

Durante o acompanhamento, o educador social teve a liberdade de utilizar de várias atividades para conseguir atingir os objetivos. Algumas foram desenvolvidas com o intuito de proporcionar um espaço de interação com mais ludicidade. A brincadeira de jogar balões cheios de água foi muito apreciada.

"Para jogar um balão cheio de água para meu irmão, antes eu preciso olhar para ele para que o balão não caia no chão e estoure facilmente", disse um dos irmãos participantes da atividade. "Se o balão estourar não é de todo o mau, risadas e troca de palavras são importantes", disse a mãe.

Pudemos constatar, a partir do depoimento da mãe, as manifestações de alegria, cuidado e envolvimento acontecendo com aquela família. Ao final da atividade, as crianças massagearam umas às outras com os balões com água. A criança com deficiência recebeu sua mensagem com muita satisfação. Foi notória sua alegria quando os irmãos deslizaram o balão com água em suas pernas, braços e barriga.

A partir dessa atividade, outras foram sendo desenvolvidas, como modelagem de membros da família, brincadeiras e jogos.



Para estimular as brincadeiras diariamente, foi criado um calendário lúdico denominado "Brincando o mês inteiro". O objetivo deste foi verificar se o ato de brincar estava no cotidiano familiar, mesmo na ausência do educador social/brincante. Tratava-se de um calendário impresso mês a mês, com desenhos que aguçavam a vontade das crianças para colorir-lo. Colorir o calendário só era permitido após o seu preenchimento com dias de brincadeiras, portanto ao final de cada mês. Nesse sentido, os integrantes da família reservavam um momento do dia para brincar e sinalizavam com um "X" o dia correspondente. O calendário com brincadeiras diárias assinaladas atingiu, então, sua meta. Após alguns meses dessa técnica toda a família adquiriu o hábito de brincar diariamente com a criança.

O espaço da moradia foi modificado em função das brincadeiras promovidas. A criança teve um cantinho para brincar, o espaço de seu berço ganhou adornos infantis confeccionados pela família.

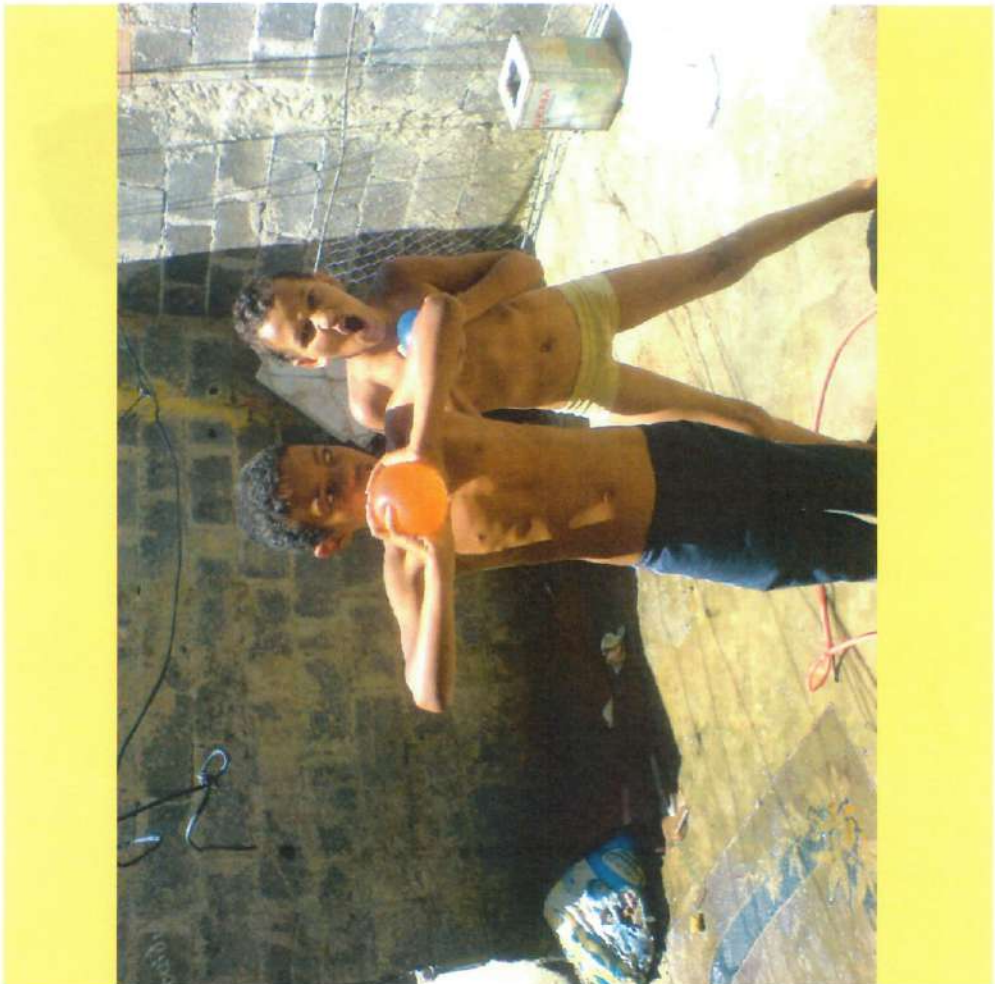
Diante das evidências, a equipe de acompanhamento considerou o desenvolvimento da família e da criança em relação ao ato de brincar. Proceveu-se, então, o desligamento das atividades com a Mãe de Recursos. A família continuou sendo assistida em outras esferas do SPSPD, sempre informando sobre o desenvolvimento da criança e de como está amparada pelo cuidado dos outros irmãos.



Carlos Alexandre Fernandes Regional Oeste

4

24



6ª Experiência: dado carinhoso: um jogo onde quem ganha é o afeto

"As diferenças existem
É tempo de encontros!"

Silvia Mara

Outra atividade foi realizada com a mesma família retratada na experiência anterior. A intenção era de contribuir para o fortalecimento dos laços afetivos por meio do jogo "Dado Carinhoso", que é realizado a partir de um dado feito em papel cartão (ou qualquer caixa quadrada). Em cada face deste são representadas partes do corpo: cabeça, braços, mãos, pernas, pé e/ou o corpo todo (estas estão escritas em letra de forma, em Braille e com imagens ilustrativas. No interior do objeto há guizos para auxiliar no caso de deficiência visual).

Trata-se de um jogo divertido. As tarefas são simples, engraçadas e, brincando, permitem aos participantes se tocarem sem nenhum tipo de constrangimento, uma vez que a regra principal é que o toque seja feito com respeito e cuidado com o corpo do outro. Para iniciá-lo, é necessário definir um juiz, um jogador e uma "vítima". O jogador faz o lançamento do dado. O lado com a imagem para cima corresponderá à parte a ser tocada na vítima, mas precisará selecionar uma ficha que determinará a forma de fazê-lo. Cada uma dessas formas/ação tem de 30 segundos a um minuto de duração, tempo controlado pelo juiz. Em cada rodada é escolhido um novo jogador e nova "vítima".



Handwritten signature in blue ink.

Handwritten mark in blue ink.

Para cada uma das faces do dado, as seguintes ações podem ser praticadas:

Mãos:

massagear as mãos; bater palmas; beijar a mão; apertar a mão; ficar 30" com a mão no chão.

Pés:

fazer cócegas; massagear os pés; bater os dois pés nos chão; beijar o pé; pegar o pé e fazer carinho durante 30"

Braços:

dar leves beliscões nos braços; ficar 30" com os braços para cima; abraçar bem forte outro participante; massagear os braços; rodar um braço para dentro e o outro para fora.

Pernas:

pular com uma perna só; correr sem sair do lugar; massagear as pernas; mexer somente as pernas; ficar 30" com as pernas para cima.

Cabeça:

fazer cafunê; massagear o couro cabeludo; beijar o rosto; apertar o nariz e as orelhas; rodar a cabeça para qualquer lado fazendo caretas.

Corpo inteiro:

dançar de forma engraçada; abraçar o corpo todo; agachar e levantar pelo menos 5 vezes; ficar imóvel (estátua) durante 30"; massagear o corpo todo suavemente.

Aplicado à experiência da família em questão, objetivou-se, com este jogo, estimular a sensibilidade das partes do corpo da criança com deficiência pelo contato afetivo dos familiares, além de criar um momento descontraído e divertido.

No decorrer do jogo, no qual o verdadeiro vencedor é o afeto, os participantes se interagraram, tocaram-se, divertiram-se e canalizaram as experiências para uma relação de zelo com o atendido. Houve mudanças benéficas na vida social da família: a criança passou a receber cuidados médicos regulares e seu direito de brincar foi garantido. Além disso, todos os familiares se envolveram no cuidado e apoio à mãe e à criança com deficiência.

Mesmo desligada da atividade da Mala de Recurso, a família já tem autonomia e consciência dos seus direitos. Devido ao entendimento da importância de brincar, verificou-se a necessidade de um lugar mais amplo e seguro para as crianças brincarem. A família conseguiu uma casa mais ampla cedida por parentes. O cantinho da criança com deficiência é alegre e colorido, pois é sabido pela família que ela precisa ser estimulada sempre.

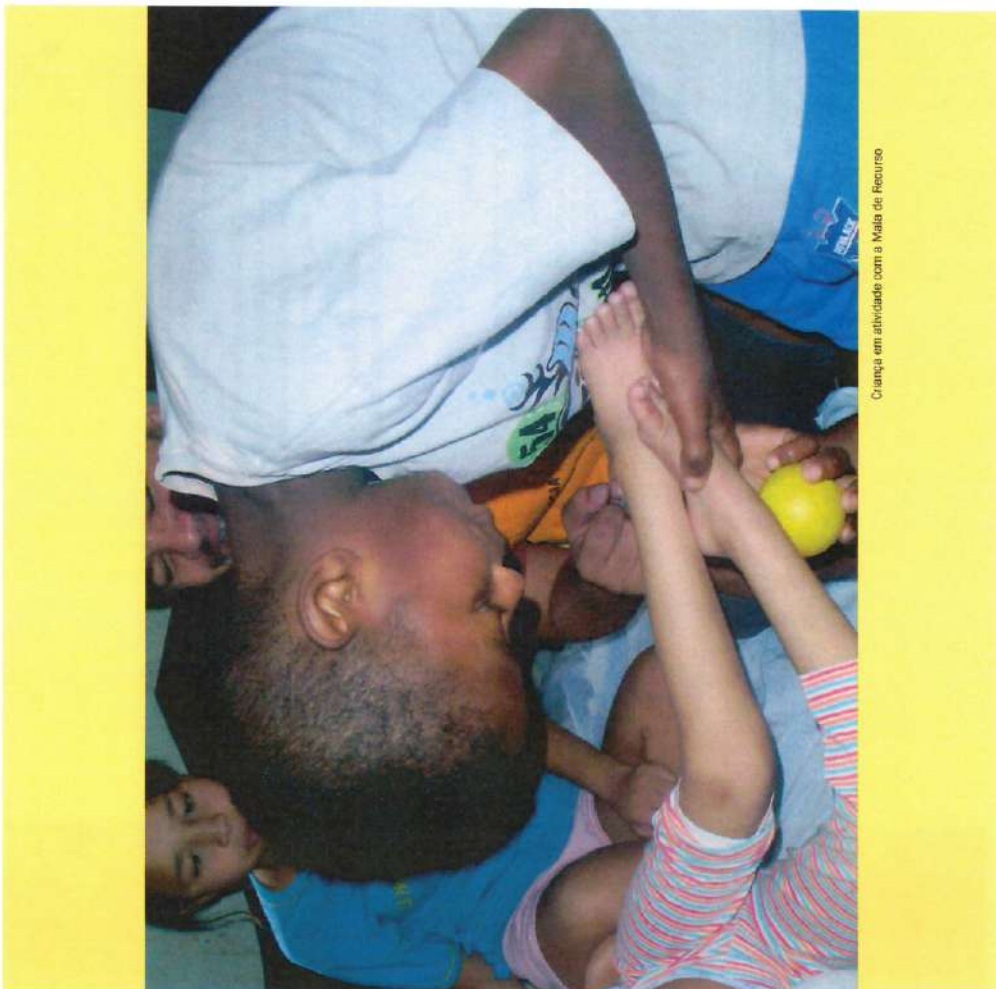
Carlos Alexandre Fernandes
Regional Oeste



23



Handwritten signature in blue ink.



Handwritten mark in blue ink.

5

7ª Experiência: brincar é uma forma de crescer

“...Eram muitas as perguntas, mas há um texto Maori que sempre me norteou enquanto brincante: “Há muitos e muitos anos, quando o céu era pertinho da terra, as mães colhiam estrelas para as crianças brincarem e, brincando, elas construíam seu lugar entre o céu e a terra”.

Elaine Fernandes

O primeiro contato com Aquiles, na época com seis anos de idade, aconteceu em visita domiciliar. A criança possuía Displasia espondilopifisária relacionada com nanismo e miopia.

Aquiles estava na fase pré-escolar, mas não podia frequentar as salas de aula por orientação médica. Ele sofria uma compressão na coluna vertebral que, fraturada, traria maiores complicações físicas. O menino passou, então, a estudar com um professor em sua casa. Fora da escola, seu processo de socialização com outras crianças ficou ainda mais restrito.

Em acompanhamento sociofamiliar, percebeu-se que Aquiles estava isolado também do convívio com outras crianças da comunidade. Ele se relacionava apenas com os membros da família. Mesmo antes de ser afastado do ambiente escolar, o menino negava-se a



Briquetes confeccionados com elementos da natureza



26

brincar e relacionar-se com outras da mesma faixa etária, dizendo que não era mais criança e que não gostava de ser tratado como tal.

A equipe reuniu-se, estudou o caso e realizou o estudo social, para planejar as atividades direcionadas ao resgate do prazer de brincar sem infantilizar o menino, visto que este já completaria sete anos de idade. A equipe também planejou algumas brincadeiras sem impactos físicos.

A partir do diálogo com a família, surgiram alguns questionamentos: como se daria o primeiro contato? Quais brincadeiras seriam feitas?

Na primeira Mala, a educadora social/brincante procurou se relacionar com Aquiles, estimulando-o a pensar sobre a possibilidade de brincar com a criança que habita em cada um de nós, independente de sermos grandes ou pequenos, crianças ou adultos.

Posteriormente, foram desenvolvidas várias atividades de construções de jogos e brinquedos. Foi assim que Aquiles pôde colocar em prática alguns conhecimentos de montagem que ele dizia possuir. A atividade com a Mala de Recursos acontecia sempre com a presença de um dos familiares. A criança se interessava por todas as atividades que desafiavam sua criatividade.

Aquiles morava em uma casa com um quintal cheio de árvores. Era um espaço rico para promover brincadeiras com elementos extrai-dos da própria natureza. Em uma das visitas realizadas, a educadora social/brincante observou que as árvores da casa de Aquiles estavam carregadas de frutas pequenas e verdes. Frutinhas das mais variadas espécies foram colhidas no chão, assim como folhas secas e pedaços de madeira. A criança coletava e selecionava os materiais. Foi assim que pequenas esculturas de animais e outros elementos foram surgindo. Estes foram expostos debaixo das árvores como se fossem uma fazenda. Aquiles adorou a atividade.

Aquiles respondia bem às brincadeiras propostas, mas a grande resistência em interagir com outras crianças continuava. Esse seria o próximo desafio. Durante



a discussão do caso e da dificuldade do menino se relacionar com outras crianças, a equipe pensou na possibilidade da atividade com a Mala de Recursos estender um convite aos seus antigos coleguinhas de escola.

A ideia foi levada para a família, mas o menino continuava resistente dizendo: "Eu não quero, todo mundo acha que sou um bebê só porque não cresci."

A educadora social/brincante interviu dizendo que, se o menino permitisse, ela explicaria para seus colegas que ele não era nenhum bebê e que seu tamanho não o impediria de brincar como um menino de sete anos. Apesar de suas limitações, ele ainda poderia brincar de várias coisas, inclusive de construir esculturas, encenar histórias e modelar animais.

Aquiles prometeu pensar nestas possibilidades e, quinze dias depois, já tinha a resposta: queria que seus antigos colegas participassem das atividades da Mala.

A partir desse encontro, foi providenciado o convite para as famílias dos colegas e, desde então, as Malas aconteceram com a participação de outras crianças. Muitas vezes, estas aconteciam no mesmo dia em que a professora de Aquiles estava realizando seu trabalho. Esta também participava da atividade, contribuindo e auxiliando Aquiles na socialização com seus amigos.

As atividades com a Mala de Recursos continuaram, focando a interação com outras crianças de sua comunidade.

Elaine Fernandes
Regional Venda Nova



27



8ª Experiência: as cores da brincadeira

*"Um olhar perdido no vazio...
Que vida é esta?"*

Eu posso sonhar?"
Rosângela Bughi

Ulisses é uma criança de 11 anos com diagnóstico de autismo e paralisia cerebral, com comprometimentos físico e mental. Atendido por uma série de ações clínicas e de reabilitação, como: esporte, terapia, ortopedia, terapia ocupacional e fisioterapia, ele está incluído em uma instituição de ensino especializado. A criança fica sob os cuidados do pai, que optou em abrir mão de trabalhar para se dedicar integralmente ao filho.

Nas primeiras visitas realizadas pelo Serviço de Proteção Social à Pessoa com Deficiência, foi identificada a importância de incluir a criança na Mala de Recursos. Pais e irmãos não sabiam lidar com Ulisses, nem com os tipos de brincadeiras. Outra questão encontrada foi a deficiência múltipla associada ao autismo, o que provocava um alto grau de complexidade para alcançar o universo da criança. Era visível sua resistência em se aproximar dos outros, com medo do desconhecido, o que é explicado pelo diagnóstico que o mesmo apresentava. O caso foi discutido com a equipe, avaliando os indicadores levantados e possibilidades de inclusão da Mala.

A família foi informada da ação executada pelo educador social/brincante, do objetivo de usar recursos lúdicos como meio de trabalhar a alegria, sensibilidade, superação, inclusão e o fortalecimento dos vínculos familiares. Uma vez compreendida e aceita, marcou-se uma data para o início do trabalho. A família de Ulisses estava entusiasmada e com muita expectativa com a Mala de Recursos.

No que diz respeito às estratégias e atrativos podiam ser usados, as descobertas foram acontecendo a cada visita, a cada contato. Percebeu-se que as cores o encantavam. Foi dado o ponto de partida: encher, amarrar e estourar balões bem coloridos. Outra descoberta foi a de que Ulisses adorava usar o tato, por isso o gosto em pegar nos balões, sentir e apertar. E assim, a criança ia sinalizando o que dava conta ou desejava fazer. A família foi descobrindo o lado brincalhão do menino e também como trabalhar e estimular os sentidos da criança. As atividades com a Mala de Recursos foram iniciadas em períodos quinzenais, sempre com a presença da família e principalmente do pai. Posteriormente, contou com a presença constante da irmã. A mãe participava das atividades em alguns momentos porque, geralmente, estava no trabalho. Após alguns meses, a ação passou a ser mensal. Por se tratar de um caso bem assistido pela família, pela educação e a saúde, o acompanhamento técnico aconteceu em intervalos maiores, para orientações e encaminhamentos necessários.

O início da Mala não foi fácil. Ulisses não aceitava alguém desconhecido sentar ao seu lado para conversar ou tentar chamar a sua atenção. Mas, foi assim, um pouquinho a cada dia, com tentativas e estímulos, que a criança foi se abrindo para brincar e usufruir de uma fase ímpar e tão importante na sua formação: a infância.

As Malas foram pensadas e planejadas, considerando as limitações e potencialidades da criança, de modo que não se caracterizasse um trabalho terapêutico e, sim, o exercício de atividades lúdicas e fortalecedoras de vínculos.

O educador social/brincante percebeu processualmente o avanço da criança e da família. Brincadeiras que aconteciam na cadeira de rodas ou na cama ganharam espaço pela casa. Foi montado o "canto de brincar", espaço onde Ulisses se espalhava e se expressava do jeito que ele se sentia mais à vontade. A indiferença de antes se transformou em progressos. A família percebeu que o brincar possibilitou melhor adesão e resposta de Ulisses aos seus tratamentos terapêuticos.

Após um longo período incluído na Mala de Recursos, os objetivos foram alcançados. A cultura do brincar e os laços entre os membros familiares foram fortalecidos. Ulisses se reconheceu como uma criança dotada de desejos e manifestações lúdicas.

É nessa hora, quando todos já se apoderaram da responsabilidade de brincar, que chega o momento do desligamento. A família é informada que continuará sendo acompanhada pelo

28

B

23

Serviço de Proteção Social à Pessoa com Deficiência, mas que o acompanhamento do educador social/brincante será encerrado em virtude do alcance dos objetivos, do progresso da criança e do fortalecimento dos vínculos.

O desligamento não acontece de imediato. Algumas Malas/visitas ainda são marcadas antes do encerramento, com o intuito de trabalhar o seu término (desligamento) e, assim, não impactar o vínculo da criança com o educador social/brincante. A família lamenta, mas compreende a lógica da Malas de Recursos e seu dever na continuidade das atividades. Com isso, entende-se que a brincadeira está para além da prática por si só ou da ação imediata. Brincar está na compreensão da essência daquilo que é lúdico, significando uma manifestação da alegria, um sorriso, um brilho no olhar e o desejo constante de imaginar e de sonhar.

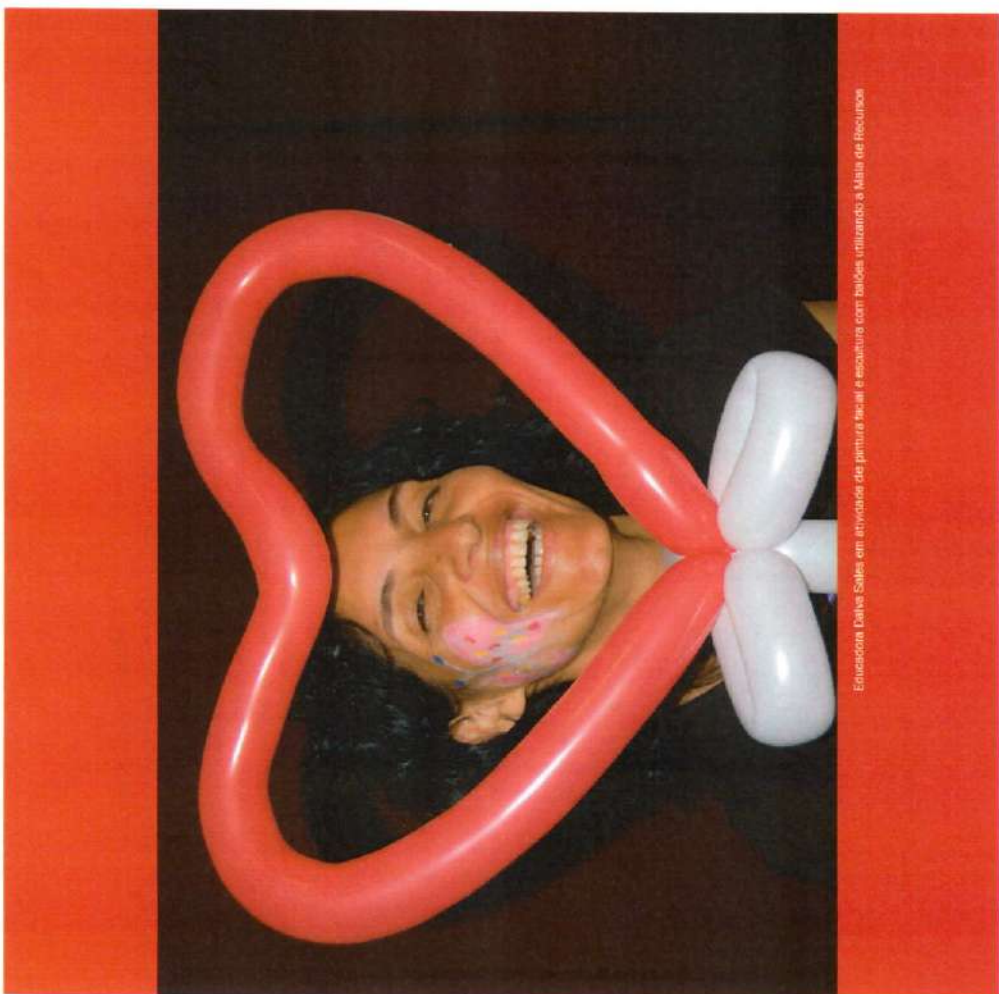
Maria Lúcia
Regional Noroeste



Atividade de pintura facial utilizando a Malas de Recursos



20



Educação: Calves Sales em atividades de pintura facial e esculptura com balões utilizando a Mão de Hecurson

21

9ª Experiência: brincar é uma relação de afeto

"À luz da orientação Possibilitar Empoderar"
Kênia Daibý

Abel, com 14 anos de idade, é um adolescente com paralisia cerebral. Era gêmeo de outro irmão que, por complicações no quadro de saúde, veio a falecer. Seu estado de saúde foi comprometido em decorrência da paralisia. Apresentava desnutrição grave, falta do controle muscular, ausência dos movimentos nos membros inferiores e dificuldade na fala.

Após visitas realizadas pela equipe do Serviço de Proteção à Pessoa com Deficiência, foi detectada a importância da inclusão da Mãe de Recursos como estratégia de facilitação do fortalecimento de vínculos afetivos entre os membros da família: mãe, Abel e irmão de nove anos.

Primeiramente uma visita foi realizada para que a equipe e o educador social apresentassem à família a proposta da Mãe de Recursos. A mãe mostrou-se receptiva e surpresa por alguém se lembrar de brincar com crianças tão comprometidas como Abel: "Brincar? Mas como?", perguntou ela. Seguindo ela, seria a primeira vez que ele e a família teriam a chance de aprender e conhecer alguma coisa que fosse para o seu desenvolvimento social. O trabalho do educador social/brincante foi planejado com a intenção de propiciar a interação de Abel com a família e estimular os sentidos do menino. Foi combinado que as visitas teriam uma periodicidade quinzenal e, tanto a mãe quanto o irmão caçula, teriam que participar das atividades propostas.

Inicialmente, as atividades envolvendo a Mãe de Recursos apresentaram grande desafio: o educador deparou com a baixa autoestima da mãe e a falta de uma relação mais afetiva com Abel. Antes de tudo, seria preciso promover a aproximação da mãe com o filho.

Foi observado também que, apesar de suas limitações, Abel gostava de música e sons. Seu irmão sempre conversava e chamava sua atenção com barulhos e ele correspondia. Iniciamos o trabalho com a construção de um chocolate, objeto importante para motivações futuras. O brinquedo foi feito pela mãe e pelo irmão para ser usado nas atividades seguintes.

A princípio, o planejamento das visitas foi pensado de maneira a causar mudanças no comportamento da mãe para com o filho. Estas foram percebidas durante a realização das visitas: Abel ficava na cadeira de rodas, mas, como ele não podia ficar por um longo período na mesma posição, a mãe o colocava no colo para que as atividades pudessem ser concluídas. Esse ato possibilitou a aproximação de ambos, despertando, assim, um afeto espontâneo pelo contato físico. Vários espaços da casa foram utilizados nas atividades, para maior interação de Abel.

Posteriormente, as brincadeiras eram direcionadas para que a mãe e o irmão estimulassem Abel a ter sensações diversificadas, que desenvolvessem habilidades motoras, sonoras, auditivas, táteis e visuais.

A família relata que, até mesmo em momentos corriqueiros como o banho diário, algumas brincadeiras foram realizadas. Este se tornou prazeroso, pois a mãe fazia massagens em Abel com uma bola apropriada, cantando algumas canções. A mãe relatou que Abel correspondia com sorrisos ao ouvi-la cantando, a cada brincadeira ou até mesmo em uma simples manifestação de carinho.

Pouco a pouco, os resultados no processo de resgate de vínculos ficaram evidentes através das atividades lúdicas. A postura da



27



32



Família em atividade com a Mala de Recursos

família em relação a Abel tomou-se diferente do início da introdução da Mala de Recursos. Abel passou a ser visto como uma criança dotada de sentimentos, alegrias e, sobretudo, de desejos.

Durante muitos anos, não foi dado a Abel o direito de brincar. Sua mãe relata que não sabia que uma criança com paralisia fosse capaz de participar de uma brincadeira com prazer, de dar respostas. Aos poucos, Abel ensinou a todos que em seu mundo não cabe a palavra "pressa".

Para o educador social e também para a equipe de acompanhamento sócio familiar, o desafio continuou. O resgate dos vínculos de afeto da mãe para com o filho foi a primeira conquista. Uma grande conquista!

Aqui também irão entrar mais fotos do processo com Abel.

Marina Elgênia Medeiros
Regional Leste

10ª Experiência: direito de brincar

*"A vida sopra na direção
onde o afeto existe."*

Dulce Couto

Peter é uma criança de 10 anos que faz parte de uma família nuclear simples. Ele possui uma doença neuromuscular degenerativa e neurofia espinhal tipo 1. O quadro clínico ocasionou a perda dos movimentos do corpo. O menino utilizava respirador e cerca de dezesseis tipos de medicamentos diferentes. Sua saúde era muito debilitada.

O quarto de Peter era equipado como um leito de hospital, acompanhado de uma enfermeira 24 horas e um médico que o visitava uma vez por semana. Possuía, também, o atendimento de uma fisioterapeuta respiratória e fonocardiologista duas vezes por semana.

O objetivo para o uso da Mala de Recursos era fortalecer o vínculo familiar e proporcionar momentos lúdicos, considerando que devido a sua situação, não saía de casa. O menino mantinha, quase que somente, contato com os profissionais da área de saúde que realizavam seu tratamento. Seus pais trabalhavam no período diurno, estando presentes à noite e nos finais de semana.

O primeiro desafio para utilização da Mala de Recursos era conseguir encontrar Peter acordado. Devido ao fato de haver atendimentos pela parte da manhã, o período da tarde era o mais adequado para a visita do brincante. No entanto, após o almoço e o banho, somado ao cansaço por causa da fisioterapia e ao uso de medicamentos, Peter sempre adormecia. Outros fatores importantes eram como trabalhar esse fortalecimento de vínculos através da Mala de Recursos, considerando a ausência dos pais no momento da visita. Bem como encontrar possibilidades dentro das limitações em que a criança se encontrava, como falta de movimentos.



Educador Moisés Cunha confeccionando esculturas de balão

33

Considerando todas as questões acima, foi planejado trabalhar com a construção de esculturas feitas com balões. Os objetivos eram proporcionar momentos de brincar com Peter com um material bem leve e colorido; envolver a enfermeira nesse momento, mesmo considerando que a atividade não fazia parte de seu trabalho; e, ainda, deixar algo para incentivar os pais a brincarem com o menino.

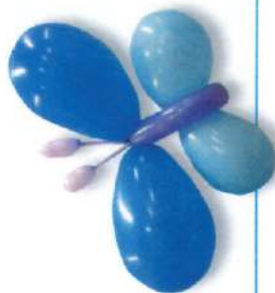
O educador social deu início à produção das esculturas e a enfermeira foi convidada a participar. Peter estava atento e prestando atenção aos movimentos. Os envolvidos conversavam com a criança, mostrando as formas que iam surgindo: cachorros, borboletas, girafas, corações e coelhos eram colocados sobre a sua mão para senti-los.

Durante um dos momentos, foram percebidos sutis movimentos no dedo polegar direito tentando apertar os balões. Continuamos realizando as brincadeiras, construindo as esculturas, sempre buscando o toque nas mãos e braços de Peter. A enfermeira participou ativamente.

Após o término, as esculturas foram espalhadas em pontos estratégicos dentro do quarto. Assim, Peter poderia vê-las, mesmo na posição em que se encontrava.

Com o retorno nas semanas seguintes, a enfermeira relatou a reação de Peter com a chegada dos pais. Segundo ela, Peter direcionava o olhar para as esculturas tentando apontá-las. O resultado foi uma série de brincadeiras com os balões promovidas pelos pais com a criança.

O trabalho continuou buscando estratégias para que os pais pudessem dar continuidade ao ato de brincar. Por meio de pequenas mudanças na dinâmica familiar, a criança pôde conquistar o seu direito de brincar.



Moisés Vagner Cunha
Regional Nordeste



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO CAETANO DO SUL

ASSESSORIA
TÉCNICO-LEGISLATIVA

32

PROC. Nº 0211/2022

AUTOR: CAIO MARTINS SALGADO

ASS.: PROJETO DE LEI QUE "INSTITUI O 'PROGRAMA MALA DE RECURSOS LÚDICOS – PCD' E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS."

PARECER Nº 298 DA TERCEIRA SESSÃO LEGISLATIVA DE 2023-2024, DA DÉCIMA-OITAVA LEGISLATURA, DA COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO.

Trata-se de propositura de Projeto de Lei do Vereador Caio Martins Salgado, visando instituir o 'Programa Mala de Recursos Lúdicos – PCD' e dá outras providências.

O Projeto foi encaminhada a esta Comissão de Justiça e Redação para ser examinada sob os aspectos constitucionais, legais e jurídicos, em face do disposto no art. 38 e parágs do Regimento Interno desta Casa.

Entretanto, em que pese as relevantes razões que dão arrimo ao projeto, sua propositura, por conter vício de iniciativa não comporta acolhimento.

Com efeito, o art. 1º do Projeto do nobre Vereador assim dispõe:

"Fica instituído o 'Programa Mala de Recursos Lúdicos – PCD' e dá outras providências." (negrito e grifo nossos).

A

8 7

5



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO CAETANO DO SUL

ASSESSORIA
TÉCNICO-LEGISLATIVA

38

PROC. Nº 0211/2022

A matéria, como se pode verificar, versa sobre atividade nitidamente administrativa, porquanto ao Poder Executivo compete deliberar sobre a *conveniência e oportunidade* da realização de *programas*, campanhas e políticas públicas. Assim, reiteradamente, tem decidido o Órgão Especial do Egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo (ADIN 2229643-19.2022.8.26.0000, ADIN 2263075-68.2018.8.26.0000 e ADIN 2236622-36.2019.8.26.0000).

Trata-se, “*in casu*”, de vício material ligado a ingerência do legislador em assunto inserido na competência material privativa do Chefe do Poder Executivo.

Não se volta contra o programa em si, mas contra a forma e o modus operandi – atos de gestão e organização – pelos quais ele deverá ser efetivado, matéria, inequivocamente, peculiar à esfera de atividade administrativa que, não respeitada, afronta a separação de poderes (primado constitucional não disponível), bem como a reserva da Administração. (Adin nº 2186138-75.2022.8.26.0000)

Inegável, pois, a ofensa ao princípio da separação de Poderes.

Desse modo, sob o prisma que compete a esta Comissão opinar, tão somente jurídico-constitucional, entendemos que a proposição não reúne os requisitos para sua tramitação e aprovação final pelo Egrégio Plenário, posto que revestida de irremediável INCONSTITUCIONALIDADE, quando em cotejo com a Constituição Federal Brasileira e de patente ILEGALIDADE em face da L.O.M..

A

0 A 7! 8.



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO CAETANO DO SUL

ASSESSORIA
TÉCNICO-LEGISLATIVA

39

PROC. Nº 0211/2022

É o parecer

São Caetano do Sul, 03 de outubro de 2023.

Ver. Ródnei Cláudio Alexandre
Presidente

Ver. Ródnei Cláudio Alexandre
Relator

Membros:

Ver. Thaiane Spinello

Ver. Caio Martins Salgado

Ver. Fábio Soares de Oliveira

Ver. Ubiratan Ribeiro Figueiredo

Aprovado na reunião de 03.10.23